



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SAÊTA, Lorena Belchior. Resignificando arquétipos na árvore familiar. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

RESIGNIFICANDO ARQUÉTIPOS NA ÁRVORE FAMILIAR

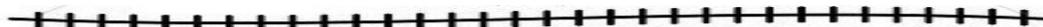
Lorena Belchior Saêta

RESUMO

O contato de um indivíduo com o sistema psíquico familiar de origem pode torná-lo mais cômico de si, bem como ajudá-lo na compreensão de seus próprios movimentos ou atuações. O campo sistêmico familiar ou psique familiar muitas vezes é denso em conteúdos emocionais, que podem ser negativos e impossibilitar o que Carl Gustav Jung chama de processo de individuação. Esse processo diz respeito a “tornar-nos nós mesmos”, fazendo escolhas de forma mais consciente, sem sermos sugados ou tomados por questões de nossos ancestrais.

Ao trazer à luz alguns arquétipos enraizados na árvore familiar, torna-se possível resignificá-los. E dessa forma pode-se observar uma nova ordem emocional e um sistema-corpo mais livre para novos movimentos nas relações intra e inter pessoais.

Palavras-Chave: Arquétipos. Árvore Familiar. Consciência. Inconsciente. Resignificar.



Desde os primeiros movimentos da psique, um indivíduo não está só em sua construção. O campo psíquico é formado para além do sujeito. Um feto está no ventre de sua mãe em formação e para tanto em contato com a psique materna, paterna e de todo o contexto familiar e social em que está inserido. Todos os arquétipos ou imagens inconscientes se fazem presentes na elaboração do novo ser.

Aspectos da Física Quântica tem demonstrado em nosso século XXI, cada vez mais, a influência concreta na matéria orgânica de nossos pensamentos ou idéias conscientes e inconscientes. Wilhelm Reich já em seus estudos e experiências provava o quão forte se faz a energia psíquica que nos move, quando afirmou que o corpo é o inconsciente visível.

De acordo com Freud, o inconsciente é de natureza exclusivamente pessoal, porém, C..G. Jung considera uma parte superficial do inconsciente como pessoal, sendo a outra, camada mais profunda, o inconsciente coletivo ou universal. Nesse sentido, o inconsciente coletivo constitui-se parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal, por não se tratar de uma aquisição pessoal. O conteúdo do inconsciente coletivo é formado essencialmente de arquétipos: formas/símbolos na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SAÊTA, Lorena Belchior. Resignificando arquétipos na árvore familiar. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

A psicologia sistêmica, em seus estudos e prática clínica, tem revelado a atuação do inconsciente coletivo em forma de comportamentos padrões dentro dos sistemas familiares/sociais. Através de imagens ou símbolos denominados arquétipos, passa-se de geração à geração informações de grande poder de atuação coletiva.

O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta. (Jung, Carl Gustav, 1875-1961 p.14)

Arquétipo” nada mais é do que uma expressão já existente na Antiguidade, sinônimo de “ideia” no sentido platônico(Jung, Carl Gustav,1875-1961p.82)

No que se refere a essas idéias ou símbolos internalizados ao longo dos tempos, tornam-se mais passíveis de observação quando “transportados” para a consciência ou mesmo quando representados por atuações comportamentais. Logo, Jung nos dispõe seu pensamento clínico de que as ideias são entidades e não somente “nomina”. Entidades ativas no processo do ser. Ainda sobre os arquétipos nos deparamos com a seguinte fala de Jung:

Os arquétipos aparecem na experiência prática: são ao mesmo tempo imagem e emoção; e só podemos nos referir a arquétipos quando esses dois aspectos se apresentam simultaneamente. Quando existe apenas a imagem, ela equivale a uma descrição de pouca importância. Mas quando carregada de emoção, a imagem ganha luminosidade (ou energia psíquica) e torna-se dinâmica, acarretando várias conseqüências. (Jung, Carl Gustav, [et al.] 2008, pg.122)

Ainda sob uma visão junguiana, a vida psíquica apresenta manifestações ainda nos primeiros anos de vida do indivíduo. Ela não é um nada vazio em seu princípio, ao contrário, traz predisposições, já existentes em nossos genitores. E com essa linha de raciocínio, pode-se então direcionar nossos olhares ao que chega até nós através de nossa árvore familiar. Um primeiro contato com o grande campo sistêmico familiar, deveria iniciar qualquer processo individual psicoterapêutico. Impressões inconscientes do sistema familiar chegam de prontidão à clínica com grande necessidade de “vir à luz”.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SAÊTA, Lorena Belchior. Resignificando arquétipos na árvore familiar. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

Somente disponibilizando essas impressões ou símbolos para a consciência torna-se possível resignificá-las, preconizando-se o processo de *individuação* retratado por Jung. Se para Reich o corpo é o inconsciente visível, pode-se deduzir que os arquétipos ou impressões inconscientes podem influenciar diretamente o corpo em sua estrutura e/ou apresentação psicossomática.

Na individuação há oportunidade do encontro consigo mesmo. Entregando para nossos ancestrais as histórias pertencentes aos mesmos, sem negá-las, mas sim compreendendo-as, também sem julgamentos, surge a possibilidade de novas representações conscientes elaboradoras. O corpo então tem a oportunidade de perceber-se mais livre e seguir com novos movimentos, podendo também desprender-se aos poucos, por exemplo, de um posicionamento mais rígido ou oral.

Um dos arquétipos essenciais a ser trabalhados é o arquétipo materno e sobre isso Jung discorre:

Como todo arquétipo, o materno também possui uma variedade incalculável de aspectos. Das formas mais características: a própria mãe e a avó; a madrastra e a sogra; uma mulher qualquer com a qual nos relacionamos [...] Todos esses símbolos podem ter um sentido positivo, favorável, ou negativo e nefasto. Embora a figura da mãe, tal como aparece na psicologia dos povos, seja de certo modo universal, sua imagem muda substancialmente na experiência prática individual. (Jung, Carl Gustav, 1875-1961 p.87-89)

Levemos em consideração um caso de uma mulher de 30 anos, que nomearemos aqui ficticiamente de Emilie, que recebia informações do campo sistêmico familiar (de forma inconsciente). Adotava uma posição sempre de oralidade passiva, visível em seus comportamentos e no corpo. Sua mãe e avó materna identificadas com o arquétipo da grande mãe, de forma negativa ou desadaptativa, colocavam-se nesse lugar de grandes nutridoras e superprotetoras, porque esse era um arquétipo acessado e internalizado na árvore familiar. “Mantinhm” essa mulher de 30 anos em um psiquismo sistêmico de criança a ser eternamente cuidada. A criança que sempre recebe.

É sabido que essa posição de oralidade passiva reporta-se aos primeiros meses de vida, quando o bebê encontra-se na posição quase sempre apenas de receber cuidados. A medida que esse bebê desenvolve, ele começa então o processo que chamamos de troca, de dar e receber do mundo, e assim o indivíduo segue em seu



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SAËTA, Lorena Belchior. Resignificando arquétipos na árvore familiar. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

desenvolvimento. De tal forma, podemos afirmar que dar e receber do mundo faz parte de um desenvolver-se de forma adaptativa.

Emilie é a terceira filha de uma prole e primeira menina. Por mais que suas defesas orais fossem trabalhadas em psicoterapia, havia algo que a “prendia” a comportamentos de vitimização e paralização. O sentido positivo dessa psicodinâmica é que Emilie podia identificar-se como o símbolo da bondade nutritiva materna, mas o sentido negativo nefasto é o de não poder tomar o mundo, pois a grande mãe ao mesmo tempo que a nutria, também a mantinha a um estado primitivo de desenvolvimento humano. Emilie temia tornar-se separada da mãe e ser punida por isso. Nesse temor encontrava-se o símbolo da mulher-mãe-bruxa.

Projeções do tipo fantasiosas (arquétipos) mostravam-se presentes em Emilie e nas mulheres que inconscientemente as mantinham, recheadas de sentimentos. Ao acessar sua árvore familiar foi identificado o arquétipo estabelecido e então foi possível iniciar algumas sessões de terapia sistêmica com um trabalho de devolução ao lugar de origem dessa forma desadaptativa de identificar-se negativamente com o arquétipo da grande mãe, bem como estabelecer um novo significado para os arquétipos explorados.

Não basta então reconhece-las e depois descarta-las como algo ridículo – pelo menos definitivamente – pois os arquétipos constituem um bem inalienável de toda psique. Um arquétipo, por sua natureza, não é de modo algum um preconceito simplesmente irritante. Ele só o é quando não está em seu devido lugar. Descartá-lo como algo insignificante representa realmente uma perda. Trata-se muito mais, por conseguinte, de solucionar essas projeções, a fim de restituir os seus conteúdos àquele que os perdeu por tê-los projetado fora de si, espontaneamente. (Jung, Carl Gustav, 1875-1961 p.90)

A interferência sistêmica visivelmente promoveu uma quebra no padrão comportamental e corporal, possibilitando um trabalho corporal mais fluido e início do que Jung chamou de individuação. Emilie pode então dar um novo significado ao lugar de filha, mãe e mulher.

A intervenção sistêmica pode ser vista como um trabalho de ecologia humana de ordem preventiva e clínica. Quando arquétipos da árvore familiar de Emilie puderam



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SAÊTA, Lorena Belchior. Resignificando arquétipos na árvore familiar. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 19º CONGRESSO BRASILEIRO e 3ª CONVEÇÃO BRASIL-LATINOMÉRICA DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8]. Acesso em: ____/____/____.

ser resignificados as futuras gerações dessa árvore poderão receber ou ganhar com isso. Ganhar em informações ou padrões de comportamentos mais saudáveis.

A “quebra” de um padrão sistêmico pode permitir um acesso aos trabalhos psicoterapêuticos corporais com menor nível de resistência por parte do paciente/cliente em terapia.

O trabalho sistêmico familiar aliado a psicoterapias corporais, pode trazer grandiosos resultados clínicos e preventivos.

REFERÊNCIAS

HELLINGER, Bert. **O Amor do Espírito na Hellinger Sciencia**. Goiânia: Atman, 2011, 2ª Edição.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Editora Voze, 2011, 7ª Edição, Vol. 9/1.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, 2ª Edição Especial.

Lorena Belchior Saêta/ Goiânia / GO / Brasil - Graduada em psicologia (CRP-09/7587) pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, pós-graduada em psicopatologia clínica pela Universidade Paulista, terapeuta EMDR pelo instituto EMDRIA, terapeuta bodytalk, VKDT, e terapeuta sistêmica familiar pelo NACOF. Atua como psicóloga clínica, comunitária e palestrante.

E-mail: lorenasaetapsi@gmail.com